

Através desse documento, poderia o autor concluir que: 1. Olga não morreu num sanatório na Suíça; 2. Olga não morreu em 1938, mas depois de 1941 (12); 3. Olga provavelmente morreu num Campo de Concentração (13).

Enfim, se a obra de Levine, no seu conjunto apresenta conclusões interessantes a respeito do Regime de Vargas, no particular deixa-se envolver pela coleta dos fatos, pelo gosto do episódio, não conseguindo superar a difícil tarefa do historiador face à História recente — a de não perder a objetividade e a de não tornar-se juiz, promotor e réu ao mesmo tempo.

DULCE HELENA A. PESSOA RAMOS

* *

*

DUQUE (Hélio). — *As contradições no Desenvolvimento Brasileiro*. Rio de Janeiro. Editora Paralelo. 1972.

As contradições existentes, talvez inerentes, do mundo capitalista, as tentativas de superação e de outras formas de equilíbrio mais justas — para os povos subdesenvolvidos, o papel que lhes é atribuído tem sido considerado imensamente injusto — têm feito, à miúdo, de uma e de outra forma, caírem e subirem governos.

(12). — Existem 4 cartas de Olga Benário Prestes que provam a sua permanência no campo de concentração até fins de 1941: 1ª carta, datada de 30 de junho de 1939, procedente de Lager Ravensbruck bei Fürstenberg Kt Mecklenburg (Campo Ravensbrück junto de Furstenberg Kt Mecklenburg) dirigida a Luis Carlos Prestes; 2ª carta, datada de 26 de janeiro de 1940, Ravensbrück, dirigida à sogra e cunhadas; 3ª carta, de junho de 1940, Ravensbrück, dirigida igualmente à sogra e cunhadas; 4ª carta, datada de maio de 1941, ainda de Ravensbrück, remetida à família do marido.

Do Brasil, a correspondência para Olga era remetida via Lisboa, Polícia Secreta Internacional e Defesa do Estado, para Rua Lins Albrechts, 8 — S. W. 11 — Berlim — Alemanha.

Uma carta de Luis Carlos Prestes de 26 de janeiro de 1942, quando na Penitenciária do então Distrito Federal, dirigida a Olga, foi devolvida em 14 de abril de 1942, com o seguinte esclarecimento: — Serviço suspenso — ao remetente.

Esta devolução coincide com a informação de Maria Wiedmayer de que: “depois de junho de 1941 caiu sobre Olga — no campo de concentração de Ravensbrück — um silêncio tumular.

(13). — Não conseguimos localizar uma carta de Olga (fins de 1941-42) publicada na imprensa brasileira entre 1948-1949 — proveniente de outro campo de concentração. Nesta, dizia que estava presa, à espera da morte junto com quatro jovens israelitas, às quais procurava incutir ânimo frente ao triste fim que as esperava.

Assim, apesar de ter lido esse documento na época de sua publicação, pela dificuldade de sua localização não podemos apresentá-la como mais uma refutação indiscutível às dúvidas de Levine.

Há quem não se conforme com as relações eminentemente competitivas elevadas a planos internacionais, enquanto no nível doméstico não visualizam formas mais justas.

Hélio Duque, em seu *As Contradições no Desenvolvimento Brasileiro*, revela forte formação nacionalista desenvolvimentista. Debate-se pela necessidade de industrialização de nossa matéria-prima voltada não só aos mercados internacionais, mas também ao mercado nacional, como primordial premissa para rompermos o equilíbrio atual (aliás, um equilíbrio do desequilíbrio). O *como* é que são elas...

Dependesse da disposição de nossos economistas oficiais, e o problema, ainda assim, seria enorme; mas, nem tanto quanto é na realidade, pois outras forças atuam. Os centros internacionais de decisão opõem tenaz resistência às nossas, afinal, legítimas aspirações.

Hélio Duque exemplifica bem tais lutas de interesses com a questão do café solúvel entre Brasil e Estados Unidos. É autor de um estudo mais detalhado: *A Guerra do Café Solúvel*, publicado pela editora Leitura. Apresenta o fato terrível da exportação do café verde: exportamos cada vez mais para recebermos cada vez menos.

Em *As Contradições...*, Hélio Duque trata de outros atualíssimos problemas, sempre com a apresentação criteriosa e também difícil dos números. Falamos “difícil”, pois a manipulação de dados estatísticos, sob critérios diversos, todos científicos, pode levar a conclusões opostas os economistas: muito mais, o leigo.

A questão dos fretes marítimos, *A Batalha dos Fretes*, começa com o decreto do ex-presidente Costa e Silva (1970). Lembramos que o *Act of Navigation*, da Inglaterra, é de meados do século XVII.

As enormes discrepâncias internas, os focos desenvolvidos, “a contradição” do gigantismo de São Paulo com zonas paupérrimas deixam indignado o autor. É preciso fazer algo. Cita Gunnar Myrdal que aconselha a urgência de uma reforma do estatuto da terra para quebrar ou aniquilar remanescentes feudais. Na verdade, reproduz-se, internamente, em escala menor, o mesmo esquema do capitalismo internacional. Os focos desenvolvidos não atuam, no Nordeste, da mesma maneira que o grande capital internacional atuam em São Paulo, por exemplo? Em que “contradições” caímos ao superarmos outras? Até que ponto as contradições são conjunturais? e estruturais?

O autor contribui para a análise desses problemas.

O nosso processo de industrialização (iniciado em 1930) tem sido sempre muito mais uma projeção de interesses e crises internacionais. É claro que, historicamente esses interesses e essas crises assumem variadas formas ou expres-

sões, às vezes claras, como o decreto de D. Maria I (proibindo a indústria no Brasil, em fins do século XVIII), às vezes subreptícias, como a nacionalização das Siderúrgicas (Governo Vargas): aparentemente um ato de afirmação nacional, como pretende o autor, mas que, porem, serviria para alimentar a indústria, de captial internacional, com matéria prima barata. Destaque-se a indústria automobilística incrementada no governo Juscelino.

E o fato mais lamentável, do ponto de vista filosófico-moral: ficamos na expectativa de uma crise entre as grandes potências, até mesmo a guerra, para podermos melhorar nossa situação. A autor nos lembra, que, infelizmente, tal se processou nas duas grandes guerras: países subdesenvolvidos puderam avançar no caminho da industrialização.

E o fato mais lamentavel, do ponto de vista filosófico-moral: ficamos na preocupam com nossa evolução econômica.

Queixamo-nos, apenas, de ser o livro, um tanto assistemático, como todo livro resultante de uma coletânea de artigos publicados esparsamente. Porém, talvez esteja aí o maior mérito da intenção editorial: torná-lo acessível ao interesse do grande público.

CARLOS DE ALMEIDA